

Narrativas transversais das cidades: sujeitos e predicativos

Cross narratives of the cities: subjects and predicates

Sônia Barreto de Novaes

Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela mesma universidade

Resumo

Do campo à cidade ou da cidade ao campo observa-se uma malha quase imperceptível de vidas (sujeitos) transitando em tempos e espaços para formar cidades invisíveis (predicativos) que estão longe da morbidez determinada por alguns. Essas cidades se constituem de conhecimentos, trocas e diálogos. São inúmeras as narrativas da cidade ou do campo e, em certos casos, esses polos se encontram – daí entender essas narrativas transversalmente, ou seja, como narrativas transversais individuais e coletivas. Para tanto, situadas em uma cidade do interior paulista, conferiu-se a essas narrativas o protagonismo de seus atores diante dos discursos que se apresentam ou se ocultam.

Palavras-chave: narrativas transversais; lugar; mídias digitais; redes sociais.

Abstract

From farm to city or town to the countryside one sees a mesh of lives almost imperceptible (subjects) moving in time and space forming invisible cities (predicate) that are given away by some of morbidity. These are making up in knowledge exchanges and dialogues. There are countless tales of the city or the countryside and, in some cases, these poles blend – hence understand the narratives transversely, individual and collective narratives cross. To situate both those in the interior of a city and checked them protagonization of his actors before presenting speeches or hide.

Keywords: cross narratives; place; digital media, social networks.

Introdução

Os modos de ser em todos os sentidos sofrem interferências constantemente. Hoje percebemos diferenças significativas no que diz respeito à participação na política com as políticas públicas que são realizadas conforme demanda da sociedade civil, articulada e consciente das informações que lhe chegam. Porém, nem sempre o que denominamos de informação pública está acessível, afinal: “Quem lê Diário Oficial?” Cria-se então, de antemão, um hiato entre poder público e sociedade civil – uma lacuna que muitas vezes é preenchida com informações deturpadas gerando uma rede de intrigas que engloba os diversos setores da sociedade. Quem determina o alcance de tais “ruídos”? A transparência na comunicação não acontece se não houver meios e mediadores competentes para tal. Como na maioria das vezes inexitem essas instâncias, a comunicação fica “embaçada”.

O entendimento do que ocorre no processo comunicacional é um dos pilares para se compreender o desenvolvimento de uma cidade, que nada mais é que o desenvolvimento de seus cidadãos. Tanto a confusão dos ruídos como a polifonia se fazem em rede, pois uma narrativa alimenta outra, seja positiva ou negativamente. A questão que se coloca em termos de cidade é: queremos um “nós” reconhecido em suas singularidades, ou um enxame de “eus” limitados em suas individualidades?

A busca por narrativas que revelem a cultura da cidade de Piracaia¹ demonstra que essa resposta se realiza no cruzamento de diferentes narrativas. Assim, por razões metodológicas da pesquisa-ação-colaborativa,² estamos cruzando, ou melhor, transversando, as narrativas culturais com as socioambientais para compor um tecido – ainda não bem visualizado, mas apreendido de maneira orgânica – que leve ao entendimento de como tais narrativas retratam o desenvolvimento da cidade. Trabalhamos ainda para que as narrativas sejam amparadas e alimentadas por pessoas dos grupos estudados nesta pesquisa,³ ou por qualquer outra pessoa que venha a se interessar por seu entorno dentro da própria cartografia digital da cidade.

Tratando-se de uma cidade interiorana, cuja economia ainda é predominantemente rural, percebe-se que esses entornos se mesclam e convivem com certa dificuldade. Nesse sentido, a compreensão, bem como as intervenções dos grupos sobre o território onde vivem são fundamentais para o desenvolvimento da cidade nas áreas abraçadas – sejam a ambiental ou a cultural. A questão das tecnologias traz para o seio da cidade a ideologia e os discursos que vão ou não ao encontro de outros estabelecidos pela “tradição” da cidade. Temos, então, pelo menos dois discursos predominantes: o de pessoas que não “são” da cidade, mas que aí passaram a residir e se preocupam com o caminho que seu

desenvolvimento está tomando; e aquele das pessoas cujas famílias compõem a tal “tradição” da cidade e suas peculiaridades. No último caso, há um grupo atuante, que acredita e se dispõe a colaborar quando é o caso; e outro nostálgico, que lamenta e sempre diz: “Piracaia é assim mesmo”. No entanto, muitas vezes há o encontro dessas vozes.

Narrativas transversais

As narrativas se entrecruzam e mesmo quando começam numa história vão parar em outra – “Por que mesmo que estou falando isso?”, “Onde que eu estava mesmo?”, “É, mas isso não tem nada a ver com o que eu estava dizendo...”. Estas frases indicam a dialogia das narrativas e traduzem inúmeras cidades invisíveis. Se pudéssemos visualizar em fios coloridos as tramas que se estendem cidade a fora talvez entendêssemos melhor a inteligência constitutiva dos espaços. Mas, “como estava dizendo...”, com o entrecruzar das narrativas há o entrecruzar de áreas de conhecimento, departamentos, disciplinas, interseção de olhares que transformam os fios em linhas tênues à medida que se distanciam de seus respectivos núcleos duros. E, em se tratando de cultura, a complexidade se intensifica, pois o homem não é concebível sem a cultura e esta, por sua vez, designa a sociedade, que é tão inerente ao homo sapiens, como uma natureza.

A cultura e o meio ambiente enquanto reservas disponíveis propiciam o aumento da participação, o envolvimento e o constituir-se cidadão quando esses se apropriam de informações e as transformam em conhecimentos sobre o local por meio de relatos, narrativas audiovisuais e documentos históricos. As questões sobre a preservação de manifestações e objetos culturais se colocam como obra aberta (ECO, 2005) a visitas e ressignificações, possibilitando o intercâmbio de informações culturais e históricas com outros sistemas à medida que são disponibilizadas em rede. As memórias são estimuladas por variadas formas de expressão intensificando e alimentando os relatos implicados em diferentes instâncias.

Cabe aqui lembrar que a palavra cultura provém de colere – revolver a terra, cuidar dela observando seus tempos – o que legitima a fecundação mútua entre as narrativas culturais e socioambientais na emergência do lugar. É no cuidar da terra, na cura desta, que as narrativas transversam – daí a dimensão de transversalidade da narrativa.

Vale retomar a etimologia do prefixo “trans” apontada pela tradutora de Heidegger:

[...] “Trans” significa ser e estar a caminho, uma movimentação para além de si mesmo, um lançar-se ao entre da movimentação. Trans diz propriamente transcendência. [...] Transcendência é, para Heidegger, o

modo em que “*Dasein*” existe, a saber, finitamente. [...] Transcendência da existência significa infinidade. O que Heidegger define como estrutura da “cura”, como estrutura de anteceder a si mesma já sendo em... junto a... o mundo. [...] Decisivo no dimensionamento de *Dasein* como cura é este para além de si mesmo antecipador, este si mesmo experienciado como alteridade. Cura, antecedência, ek-sistência. (SCHUBACK, 2009, p.18)

Ao ouvir a cidade percebemos seus caminhos, as movimentações, cursos e maneiras de existir. São inúmeras as suas narrativas e estas constituem cidades invisíveis que existem e lhes é próprio estarem presentes curando e cuidando, daí a organicidade que uma cidade do conhecimento pode conferir.

Alguns pensadores da cultura observaram essa característica orgânica: J. Duncam, assim como R. Willians, veem a cultura como sistema de significados onde a paisagem é o texto; Kroeber fala do superorgânico – o homem e o orgânico em que a construção de equipamentos e o meio social são decisivos para o indivíduo e para a sociedade. Já Frans Boas, indo além da antropologia cultural, vê a cultura como um processo multilinear, uma maneira como o homem marca o mundo, assim a cultura ao ser mapeada se torna também lugar (áreas culturais) onde há relações de troca. As trocas são, antes de mais nada, negociações simbólicas tanto na cultura material como na imaterial permeadas pelos valores. Nem tudo é cambiado e muitas vezes observamos o abandono do tradicional em intenção do novo, ou da sua invenção. Mas o novo bebe no tradicional quando há interesses, seja do Estado, seja do mercado. Em todo caso é visível o poder das narrativas em intervir no sistema.

O lugar da cultura em Piracaia

Quais são os elementos que compõem a narrativa de uma cidade? Quais os aspectos relevantes à cultura? O que as memórias de seus protagonistas relacionam com o lá e o cá no tempo e no espaço? Neste sentido, será que o tempo se distancia do espaço, ou se entrecruzam no tempo e no espaço e são determinantes para compreender a experiência e a natureza dos eventos e das ações?

A princípio parecia fácil traçar um perfil da narrativa de Piracaia, afinal era uma *cidade morta*,⁴ mas narrativa que se preze nunca se encerra e, quem conta um conto aumenta um ponto. As histórias foram então se enraizando ao mesmo tempo que sustentavam e geravam outras, e cidades invisíveis emergiram (CALVINO, 1990). É assim a vida real em suas inter-relações.

[...] os falantes estão sempre mudando, mesmo que num grau dificilmente perceptível. No processo dessa geração, o conteúdo que está sendo gerado também gera. O intercâmbio prático está cheio de *potencial de eventos*, e a mais insignificante das trocas filológicas participa dessa incessante geração de eventos. [...] (BAKHTIN apud MORSON; EMERSON, 2009, p. 40, grifo meu).

A memória levantada a partir das narrativas e das participações em movimentos em prol da cultura e do meio ambiente trouxe à tona esse potencial de eventos demonstrando a necessária complementaridade de áreas e interesses quando o assunto é o desenvolvimento e a valorização do lugar onde se vive. É no lugar que se intensificam as energias coletivas, e a cultura encontra elementos que contribuem para o seu desenvolvimento. Neste sentido, tanto o que está latente como o que está disperso no seio da população se manifesta, se apresenta. A inserção em grupos é fundamental para que ações sejam levadas adiante, e ter pessoas comuns envolvidas em dois ou mais grupos permite que o elo se constitua e as ações sejam comuns.

113

Stuart Hall considera a cultura nacional como um discurso “[...] um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...]” (HALL, 2003, p. 50). Evidentemente, não estamos tratando aqui da cultura nacional, porém da cultura de Piracaia que, conjugada às demais culturas municipais, a compõe. É, portanto, nesse sentido que traduzimos e verificamos os cinco principais elementos abordados por Stuart Hall (HALL, 2003, p. 52-56) que compreendem a narrativa da cultura nacional para observar a cidade.

1. Há uma *narrativa da cidade* contada e recontada em diferentes meios, sendo o principal a história oral. Estas, contudo, estão amparadas em imagens, símbolos, ritos, eventos históricos e na própria arquitetura e paisagem do município;

2. Há uma ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na tradição e na *intemporalidade*, observada não só na fala dos mais idosos como também na dos mais jovens, por mais que esses não participem dos eventos da cidade.

3. Observa-se também a *invenção da tradição*, ou pelo menos a tentativa desta. Essas tentativas têm muito a ver com a necessidade de a cidade descobrir a sua vocação com vista ao desenvolvimento do turismo. Um exemplo dessa invenção é As pretinhas da Guiné – grupo folclórico que não se manteve;

4. A *identidade municipal* – “Você é daqui?”, “De que família você é?” Quem é de Piracaia e quem não é apresenta-se como uma questão que está

sempre na ordem do dia. Mas há os “novos piracaianos”, pessoas que vêm se estabelecer na cidade por conta da qualidade de vida e da proximidade da metrópole de São Paulo. Observa-se que os grupos ambientais e os relacionados à cultura geralmente são compostos por pessoas que não pertencem às famílias tradicionais de Piracaia. Há aqui uma dicotomia, as famílias tradicionais olham para trás e se comparam nostalgicamente “Era assim...”, “Lá tinha...”, enquanto os novos olham para o futuro e insistem em modificar o presente em: “O que podemos fazer?”.

Diante desta tradução, ou melhor, desta transposição da ideia de narrativa da cultura nacional para uma narrativa da cultura municipal, podemos afirmar que Piracaia possui uma narrativa própria e seu lugar está na memória de suas famílias, que é transmitida em quase sua totalidade pela oralidade. Quando há registros, esses são particulares, cabendo à família salvaguardá-los.

A ausência de equipamentos culturais e de políticas que viabilizem ações culturais é percebida como uma insuficiência para o desenvolvimento da cidadania plena. A desarticulação, ao contrário da articulação, é bem mais fácil de ocorrer, daí a fragilidade dos grupos, a fragmentação, a descontinuidade e a ruptura das ações favorecendo a proliferação de vozes sem sujeitos ou sem ouvintes. Este sintoma reflete a globalização e a pós-modernidade, cujos sujeitos, em sua maioria, são desconhecidos entre si, mesmo em cidades pequenas como Piracaia. Compromete-se, então, o circuito de valores culturais ao deslocar sentidos de relacionamentos em cenários que não mais correspondem. Esta tendência se tonifica ao se somar às mídias e às tecnologias de comunicação e de informação imbricadas tanto no funcionamento quanto na gestão da sociedade em geral.

[...] quando a comunidade íntima visível deixa de ser um grupo vigilante, identificável, profundamente interessado, o “Nós” passa a ser um ruidoso enxame de “Eus” e os laços de fidelidades secundárias se tornam por demais frouxos para deter a desintegração de comunidade urbana. [...] (MUMFORD, 1998, p.22)

Mumford descreve como começou a cidade, a partir de aldeias que vigiavam seus entornos. Vigiar é estar atento e pronto para qualquer chamado. Hoje isso não é simples, por menor que seja a ação. Estar pronto, vigiar e agir em territórios que se propagam no mundo digital e real significa compreender uma gama de ações muito além de qualquer competência, mas o ser humano não desanima e busca articulações em grupos afins.

O local e o global no lugar

Usando a alegoria de um lago onde a água aparentemente parada é tocada por uma pedra ali atirada, vemos a formação de uma série de círculos concêntricos que se estreitam progressivamente ao redor do último. Poderíamos observar o centro onde a pedra cai como o ponto forte, o *acontecimento* – a ação ali exercida vai se propagando com certo impulso, mas com o tempo e o espaço vai diminuindo de intensidade até parar esse jogo de anéis. As ações intensas investidas em determinados espaços urbanos, nos centros das grandes cidades, introduzem um movimento similar em seus entornos e alcançam periferias e cidades próximas. Assim sendo percebemos o quanto as questões relacionadas à acessibilidade são determinantes nesse empreendimento.

São Paulo – metrópole, palco de importantes acontecimentos e lugar central de modernidade – influencia seus arredores dentro de processos de urbanização. No entanto essa influência é parcial, uma vez que a cultura e a tradição dos lugares tendem a incorporar apenas alguns fragmentos da modernidade. “Não é o moderno que incorpora o tradicional e popular simplesmente. Antes, é a tradição que agrega fragmentos do moderno sem agregar um modo de ser consciência do todo. [...]” (MARTINS apud DAMIANI, 2004, p. 23).

Há influência parcial e fragmentada dentro de uma urbanização que não é para todos. Os níveis de desenvolvimento diferenciados trazem em seu bojo a desigualdade, desde seu processo ao seu produto, provocando crises que, por sua vez, desencadeiam ações populares e políticas públicas reivindicadoras de direitos cidadãos. Essas ações caracterizadas por movimentos são acontecimentos e como tais devem ser entendidos como “virtualidades”, isto é, possibilidades que envolvem “certa consciência histórica” (LEFEBVRE apud DAMIANI, 2004, p. 34). Porém esta consciência não é assimilada por todos, sendo necessário instaurar um plano de consciência privada e social no âmbito cotidiano, e as políticas públicas vêm neste sentido. De certa forma, é o que grupos como “MoMA” e o “Conselho de Cultura” vêm buscando concretizar com seus movimentos.

Como localidade ou sede econômica (WEBER, 1971), ou como trama de rede social (LATOURETTE, 2005), a cidade é antes de tudo um espaço e como tal se define historicamente. Suas indagações (atenções) serão sempre no sentido da sua produção (expectativa) e da sua formação (memória). “A cidade é ao mesmo tempo uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é

a lei do organismo urbano, com a qual se confunde. [...]” (SANTOS, 1994, p. 71). O organismo urbano é tecido⁵ no cotidiano permeado de singularidades que vão conferindo ao sistema material e aos comportamentos obrigatórios (formas, concretudes, padrões e códigos) modos de se relacionar com o tempo e com o espaço. Este modo está no campo das mediações que buscam desvendar o mistério das formas (lugares, símbolos, significados). O homem se apropria do mundo como apropriação do espaço, com todos os sentidos, isto é, com todo o seu corpo. Dentro dessa localização de seu corpo encerra o conteúdo social constituído pelas relações. O homem, enquanto ser-no-mundo, existe e seu compreender é um compreender que interpreta (HEIDEGGER, 2009, p. 215).

Por meio de um processo de interação eu-tu, o mundo se constitui e ganha sentido em algo comum. Sendo esta uma relação dialógica em termos buberianos, completamos este conceito com o pensamento de Berger quando este diz que o mundo constitui “o meio de nos unir, sem nos confundir.” Sendo assim, do particular ao mais universal, inferimos que o local tem seu lugar no global, ou seja, à medida que vivemos o local, atribuímos-lhe significação quando nos apropriamos de seus espaços tornando-os lugares, onde cada lugar é a seu modo um mundo e pode ser percebido em sua história cotidiana que redimensiona o local por meio de, entre outros elementos, suas ações e narrativas.

As narrativas estão diretamente relacionadas ao campo da ação. A partir do momento que conto uma história alimento-a com a minha própria história, ou seja, o narrador é tanto testemunha (narra o acontecido de acordo com o percebido) quanto autor, portanto acunha-se autoridade. Ora, se sou autoridade para dizer o que digo, então sou também protagonista de determinadas ações.

Portanto, o *lugar* transcende as fronteiras.

[...] Assim, em vez de pensar lugares como áreas de fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma *consciência de suas ligações como mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e local*. (MASSEY, 1994, p. 184, grifo meu).

Encontramos na conceitualização de Lugar construída por Massey (MASSEY, 1994, p. 184-185) elementos que contribuem, nessa pesquisa-ação-colaborativa, para entendermos Piracaia, enquanto lugar. Assim, lugares são:

a) *Processos* – por conta das interações que aí acontecem, conferindo-lhes dinâmicas;

b) *Sem fronteiras* – porquanto suas relações econômicas, políticas e socio-culturais estendem-se por todos os níveis, da família à área local e internacional;

c) *Sem identidades únicas ou singulares* – porque estão cheios de conflitos internos;

d) *Com especificidades continuamente produzidas* – porque a globalização, além de ocasionar a homogeneização, também é uma fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar.

A questão das territorialidades nos lugares bem como dos elementos que os compõem estão em contínuo trânsito. Embora não seja de hoje que tal movimento ocorra, com o advento das mídias digitais ele se intensificou sobremaneira. E o MoMA representa esse trânsito.

117

Quando a notícia de que a Copel instalaria antenas pela cidade seguindo as determinações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal, poucas pessoas deram atenção, mas os poucos que deram criaram um movimento denominado Movimento Meio Ambiente de Piracaia (MoMA)⁶.

Diante da proliferação de grupos – todos na rede social Facebook – vale pensar onde está o “Nós” ou, como escreveu Mumford, se esse “Nós” não se tornou um ruidoso enxame de “Eus”. Em uma cidade pequena como Piracaia, ter pelo menos cinco grupos discutindo praticamente a mesma coisa é para se pensar onde está a articulação? A articulação, ou o “Nós”, está nas pessoas que participam de uma discussão comum. Ou seja, se algo ocorre como problema que afeta diferentes domínios como é o caso da Copel, da Praça do Rosário, do Plano Diretor, da canalização do Rio, enfim, questões que envolvem a cidade como um todo, então esse problema é levado a diferentes grupos por pessoas comuns a eles. Percebe-se que as pessoas que fazem articulação pelas redes são as mesmas que articulam as ações na cidade.

A presença nas reuniões é fundamental para que o grupo se constitua e seja sedimentado. Profissionais de diferentes áreas (biólogos, cabeleireira, artista plástico, turismólogo, dono de supermercado, designer, professores, jornalista) participam do MoMA, e provavelmente este seja o diferencial, pois o grupo tem sido um exemplo nas ações e reivindicações devido a sua competência em se apropriar das informações ambientais do município e disseminá-las provocando seus membros ao protagonismo.

O MoMA se articula pela rede social Facebook⁷, e-mails e SMS. As informações extragrupo chegam geralmente de maneira informal, em conversas com amigos ou conhecidos que têm conhecimento de algumas decisões da Administração Pública. Vale ressaltar aqui que todas as informações são de natureza pública. As audiências públicas antes de acontecer são publicadas no Diário Oficial, cabe então a pergunta: “Quem lê Diário Oficial?” Assim, as ditas audiências acontecem para poucos, geralmente os poucos que se beneficiam de alguma maneira com as decisões, como no caso da votação do Plano Diretor em relação ao aumento do perímetro urbano e da novela SABESP que se estende por mais de 40 anos.

Milena (bióloga, não é de família de Piracaia) – “Isso me incomoda. As pessoas nunca ficam sabendo! Então, como ninguém nunca fica sabendo que tá se fazendo um projeto. Eu fiquei sabendo por acaso, conversando informalmente, mas tipo: é uma coisa que tinha que ter um acompanhamento melhor...”.

118

Em relação ao tempo das ações, percebe-se nas narrativas um desgaste dos discursos e das manifestações que não levam a lugar algum, enquanto as soluções ambientais parecem emergenciais. Dentre outros motivos, esse é um dos que levam à ideia e à formatação do agenciamento das ações como estratégia diante do incômodo. A prerrogativa vale também para as questões culturais e é entendida por pessoas comuns a grupos ambientais e culturais. É necessário cruzar as questões ambientais e culturais em uma cidade altamente privilegiada pela natureza, mas também alvo de investidas governamentais drásticas, que reivindicam suas compensações. Aqui vale ressaltar a importância de se inteirar dos acontecimentos da cidade, de saber buscar as informações necessárias e respaldos legais para a protagonização do grupo nos diferentes ambientes disponíveis, sejam eles virtuais ou atualizados no real – a informação entra no diálogo e empodera a comunidade.

Muito se questiona a Cidade, mas a Cidade também deveria questionar seus cidadãos, “Quem me necessita?”, “Como combinar as novas variáveis de tecnologias sociais e disponibilizá-las?”.

Considerações finais

Percebemos então que a realidade não se contrapõe ao mundo virtual, mas atualiza-o. A presença dos grupos na rede social questionando e vivenciando os espaços da cidade faz emergir cidades até então invisíveis ou, como consideradas por tantos, mortas. Tanto o rio como a praça e até mesmo o porão, trazem

histórias. Basta que se poste uma foto para que comentários manifestem diferentes histórias, argumentos ou pontos de vista. Nesse sentido, vale demonstrar que tais conhecimentos são exercidos em dois termos imbricados nessas áreas: apropriação não só da informação, mas principalmente dos meios, e a protagonização desaguando necessariamente em desenvolvimento local devido à interatividade de seus atores. Essa apropriação efetiva dos meios reconfigura a política e a economia, apesar de num primeiro momento estar voltada para as consequências imediatas e locais sendo, nesse sentido, limitada. Contudo, se entendermos as tecnologias da comunicação e da informação como dispositivos que alteram e são alterados nos processos de interação, perceberemos que as competências necessárias a toda essa protagonização nas redes e na vida real é construída e constitutiva do próprio processo.

O uso de dispositivos tecnológicos não representa por si só a salvação para problemas sociais, culturais, ambientais ou educacionais, mas somando-se a outras ações permite transparências de problemas e se insinua com possibilidades de resposta. Histórias de vida e memórias locais, sejam de um grupo ou de outro, intercambiam-se com os saberes globais e, ao encontrar ressonância na literatura sobre emancipação digital, se oferecem como bases objetivas sobre as quais ganham luz a reconstrução da memória amparada por meios e processos audiovisuais.

A convergência das técnicas não é somente das técnicas, mas comporta:

[...] dimensões econômicas, sociais, jurídicas e políticas tão importantes e decisivas quanto seu comportamento tecnológico. Mesmo sendo tecnicamente possível, a convergência dos sistemas de comunicação não se realizará sem vontade política e econômica, sem quadro jurídico e regulamentar apropriado e sem uma aceitação dos usuários [...] A única possibilidade de digitalizar voz, dados e imagens, não conduz necessariamente e inevitavelmente à convergência dos sistemas de comunicação. Esta se apresenta mais como uma construção social ligada às lógicas socioeconômicas dominantes e da ação mais ou menos eficiente de diversos grupos sociais. [...] (TREMBLAY & LACROIX apud MIÈGE, 2009, p. 37).

Importa dizer que não estamos denominando de técnica toda a complexidade de vida pelas tecnologias. A reivindicação que aqui se faz é de apropriação destas, tendo em vista a produção desde o eu, singular, ao nós – grupo que dialoga com outros.

As relações que mantemos constituem e se constituem circunscritas em espaços e tempos, condições necessárias da existência. No entanto, as tecnologias da

informação e da comunicação intensificam essa conectividade. Parece, hoje mais do que nunca, que vivemos numa grande aldeia global, mas será que esse acontecimento é de fato novo? Quais são o alcance e as consequências das *performatividades* dos agentes dessa aldeia?

A flexibilidade e a especialidade são imprescindíveis porque, enquanto lugares, as redes são incertas, instáveis e complexas.

[...] Essas redes propiciam uma atmosfera rica pela transparência constante de conjuntos de informações (em grande parte informal) a respeito das tecnologias mercados e concepção de produtos. Assim elas ajudam a incentivar a criatividade e a inovação econômica em muitos setores diferentes, incluindo em particular, alguns dos nichos líderes mais dinâmicos da economia contemporânea, como a indústria de alta tecnologia, serviços e indústrias de produtos culturais. (SCOTT, 2001, p.15).

Há diversos modos de se representar esse espaço socialmente produzido, mas hoje a melhor representação está nas propostas dos mapas colaborativos ou coletivos. Nestes podemos perceber o alcance de ações e os níveis de pertencimento. Nesse momento estamos apresentando aos grupos a versão do Mapa Coletivo⁸ e enfrentamos basicamente duas dificuldades: 1) acessibilidade digital; 2) falta de percepção por parte dos grupos em relação aos mapas, bem como o alcance destes em relação à produção e divulgação das ações e das memórias. Assim, pretendemos avançar na pesquisa por meio de dois passos: 1) realizar oficinas de memória e pertencimento a partir dos mapas físicos de Piracaia; 2) em relação à acessibilidade digital propor, dentro das políticas que vêm se constituindo, políticas de acessibilidade digital. Neste quesito cumpre um estreitamento de diálogos com o poder público que se dá principalmente por meio dos Conselhos estabelecidos.

Neste momento da pesquisa, não temos elementos ainda para avaliar o referido Mapa Coletivo, mas podemos adiantar que este vem ao encontro, não só pela colaboratividade, mas também porque sua arquitetura gera tanto conteúdos georreferenciados quanto metadados, portanto passíveis de serem cambiados.

Referências bibliográficas

BUBER, M. *Eu e tu*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CALVINO, I. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAMIANI, A. L. Urbanização crítica e a situação geográfica a partir da

- metrópole de São Paulo. In: CARLOS, A. F.; OLIVEIRA, A. U. (org.). *Geografias de São Paulo*. São Paulo: Contexto, 2004. v. 1; p. 19-58.
- DENZIN, N. K. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ECO, U. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 4ª ed. São Paulo: Vozes, 2009.
- LATOUR, B. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: University Press, 2005.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.
- LOBATO, M. *Cidades mortas*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- MASSEY, D. *Um sentido global do lugar*. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papyrus, 2000, p. 176-185.
- MIÈGE, B. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- competição entre cidades (nº 41, p. 11-25). São Paulo: Neri, 2001.
- WEBER, M. *Conceitos e categorias de cidades*. 1971
- WILLIAMS, R. *Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

NOTAS

- 1** Piracaia está situada a 85 quilômetros da capital paulista e conta com uma população estimada em 22.335 habitantes em uma área de 385km², segundo dados do IBGE. Faz divisa com Atibaia, Joanópolis, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista e Bragança Paulista.
- 2** Pesquisa para defesa do doutorado no PPGMPA – Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, também participando do Grupo de Pesquisa “Cidade do Conhecimento” CTR/ECA/USP e do GENN – Grupo de Estudos de Novas Narrativas CRP/ECA/USP.
- 3** MoMA – Movimento do Meio Ambiente de Piracaia e Conselho de Cultura Municipal de Piracaia.

⁴A formulação da questão para a tese de doutorado teve como ponto fundamental a busca de um garoto na Biblioteca Pública de Piracaia por um livro de Monteiro Lobato que, segundo ele, falaria de Piracaia. Este livro era Cidades Mortas. Embora nada conste sobre Piracaia neste livro, sabemos que o mesmo trata da decadência de cidades do interior paulista por conta da queda da economia cafeeira.

⁵Para Lefebvre o conceito/metáfora de tecido urbano [...] é o suporte de um modo de viver mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana. Na base econômica do tecido urbano aparecem fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e cultural. Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade e a vida urbana penetram nos campo. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. [...] (LEFEBVRE, 1969, p.16-17)

⁶No mesmo período da criação do MoMA surgiram outros dois grupos voltados para o meio ambiente – o COMDEMA – Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente; Meio Ambiente de Piracaia <https://www.facebook.com/groups/165352873548812/> e a retomada do GEPAP – Grupo de Estudo e Proteção Ambiental de Piracaia. Além desses grupos foram criados ainda: um perfil para o Rio Cachoeira, contra a deliberação da Administração Municipal de canalizá-lo, e o grupo Eu Quero Reciclar em Piracaia <https://www.facebook.com/EuQueroReciclarEmPiracaia?fref=ts>. Há também o início do projeto Piracaia Água e Ambiente www.piracaiaaguaeambiente.org.br da ONG 3ª via, a qual pretende formar 500 agentes socioambientais em 20 comunidades da cidade e conta com o apoio do MoMA. <http://www.piracaiaaguaeambiente.org.br/?yr=2012&month=11&dy&cid=mini>.

⁷<https://www.facebook.com/groups/157637524347592/>

⁸<http://www.mapascoletivos.com.br/reports/view/296>.